



ENTREVISTA COM A ESCRITORA PAULINA CHIZIANE

Cintia Acosta Kütter

RESUMO

Entrevista com a escritora moçambicana Paulina Chiziane, autora de *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche* (2002), *O alegre canto da perdiz* (2008), *As andorinhas* (2009), *Nas mãos de Deus* (2013), *Por quem tocam os tambores do além* (2013) e *Ngoma Yethu* (2015), os três últimos em regime de co-autoria. A romancista conhecida por fazer de sua arte uma forma de resistência, concede esta entrevista à pesquisadora em 25 de março de 2017, no Rio de Janeiro e nos fala sobre suas obras, sobre mulheres e sua participação na FRELIMO.

PALAVRAS- CHAVE: Paulina Chiziane; entrevista; literatura; Moçambique; resistência.

RÉSUMÉ

Entretien¹ avec l'écrivaine mozambicaine Paulina Chizine, auteur de *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche* (2002), *O alegre canto da perdiz* (2008), *As andorinhas* (2009), *Nas mãos de Deus* (2013), *Por quem tocam os tambores do além* (2013) et *Ngoma Yethu* (2015), les trois derniers livres avec co-auteur. La romancier, célèbre pour faire de son art une forme de résistance, donner cette interview à la chercheuse le 25 Mars 2017, à Rio de Janeiro, et elle nous parle de ses oeuvres, des femmes et de leur participation à FRELIMO.

MOTS-CLÉS: Paulina Chiziane; entretien; littérature; Mozambique; résistance.

Cíntia Kütter² - Primeiro, gostaria que você nos falasse um pouco como a literatura surgiu na sua vida. Você já mencionou em outras entrevistas “ter se inspirado em sua avó”; “nas histórias que ouviu a volta da fogueira”; “que iniciou o curso de linguística na universidade”; etc. Mas em que momento surge a escritora Paulina Chiziane? O que te impulsionou para esse movimento?

Paulina Chiziane - Não sei (risos). Sinceramente, não sei. Porque eu acho que sempre existiu a

1 Esta entrevista é parte da tese de doutorado da pesquisadora.

2 A seguir, na entrevista, a sigla CK refere-se a Cíntia Kütter, e PC a Paulina Chiziane.

escritora, a minha natureza tem a ver com isso. Eu gosto de viver em grupo, mas também gosto de viver sozinha, desde pequena. Durante o dia, às vezes participava nas brincadeiras dos outros, mas eu sempre fui da noite. Todos dormem, eu fico lendo um livro, fico ouvindo música e, sempre gostei de ser assim. Mesmo com o trabalho de casa: engomar a roupa, esfregar, eu sempre fazia o trabalho a noite. E gosto de estar com muita gente, mas estou sempre só. Isso me permite observar, e quando chega a noite pra lembrar tudo o que observei, comecei a fazer notas bem pequenina, e fui andando. E quando naquela fase da vida em que o livro começa a exercer uma certa magia! Eu pegava num livro e sentia o êxtase de estar a pegar num livro. Então a minha infância foi isso, não tinha muitos livros, mas a minha relação com o livro, quer dizer, era como se estivesse a mexer um objeto sagrado. Daí comecei a ler e a tendo que apanhar para frente, e já fiz de tudo, assim, de roubos de livros, para poder ler, e quantas vezes não fizemos isso, em feiras, em livrarias, em tabacarias, fizemos isso mas pela leitura. Eu não estava a perceber muito bem para onde me conduzia essa maneira de estar, e pronto, dei por mim registrava memórias. A primeira coisa que eu fiz foi o diário dos sonhos, que me custou muita sova em casa, porque eu sempre atrasava a escola. Acordava de manhã e a primeira coisa que fazia era sentar para registrar o sonho, em um diário, e quando chegava a hora de ir para escola não tinha ainda tomado banho, enfurecia meu pai que teve que ter uma mão dura para controlar, então, perdi esse diário, porque meu pai queimou. Mas hoje eu lhe dou razão (risos), então essa foi uma das minhas primeiras manifestações de vontade de escrever. Mas eu pintava, gostava de pintar, assim nessa beira dos doze anos, eu gastava tudo que era papel pintando e me deu também muita sova porque estava a gastar o papel, que devia ser para estudar. Éramos oito filhos com um pai que era alfaiate de rua, então não havia muitos recursos. Então eu fui experimentando várias maneiras de estar, e acabou vingando a escrita, porque eu ficava a escrever e meu pai acreditava que eu estava a estudar (risos), então pronto. E foi assim que acabei ficando com a escrita, era mais barato, não gasta papel e o pai nem sempre desconfiava daquilo que eu fazia. Deixei de fazer o diário dos sonhos, que fazia de manhã, mas comecei a rabiscar durante a noite, e acordava tarde na mesma, mas essa era uma guerra que meu pai nunca venceu, eu nunca consegui acordar cedo. Porque as mulheres da noite era sempre, sei lá, dos meus delírios...

CK - Você já afirmou que não é feminista, mas concede o protagonismo de suas obras as mulheres. Esse “lugar” de protagonismo e de resistência da personagem Sarnau em seu primeiro romance *Balada de amor ao vento* (1990) surgiu de forma proposital ou como você diz “a escrita veio e tomou o seu lugar”?

PC - Eu nem sabia, quer dizer, eu conhecia as teorias de emancipação da mulher, mas a palavra “feminismo” ainda não me tinha soado aos ouvidos. Eu contei uma história apenas, e a história de uma mulher que é aquilo que eu sei, mais nada. Depois de publicar o livro foi que comecei a compreender a dimensão do feminismo, daí comecei a perceber algumas leituras e fui consolidando algumas ideias sobre o feminismo. Mas foi assim, a vontade de contar uma história de uma mulher, e em todos os meus livros falo de mulheres, e a razão é tão simples, eu estou sempre rodeada das minhas amigas, da minha família, mesmo da minha família, minhas irmãs, minhas primas, então, o mundo que eu conheço, melhor, é o mundo das mulheres. Foi por isso que as coisas saíram desse jeito.

CK - Em seu romance *O alegre canto da perdiz* (2008), somos apresentados a três gerações de mulheres que buscam, a seu modo, resistir ao regime patriarcal, a violência e a elas mesmas. O que motiva uma mãe a prostituir sua filha, e esta, que por sua vez, vender a sua filha? Estas mulheres que repetem o colonialismo, além de estarem a vender a “própria carne” estariam a vender suas almas? Foi esse o seu objetivo ao apresentar essas mulheres, mostrar esse outro lugar ocupado por elas?

PC - *O alegre canto* é a verdadeira imagem do colonialismo. Tanta repressão ao ponto de criar-se este santo mundo de alta rendição porque, pronto aquelas mulheres achavam que não tinham valor nenhum, que só podiam dar algum valor se servissem ao opressor. Então o colonialismo é isso mesmo. E para dizer que o processo de libertação da mente vai levar muitas gerações. Nós já não temos a bandeira colonial, mas ficamos com graves sequelas em nossas mentes. Como que o livro surge? Eu vivia na Zambézia e conheci esta família, esta velhota que teve dois maridos: um branco e um negro, e teve filhos negros e mestiços. Conheci, mas conheci através dos filhos mestiços, que são donos de restaurantes. E, de repente aparece a cozinheira e a faxineira, que são irmãs dela, e eu perguntei: que se passa? É tua irmã? E a faxineira de uma empresa? Sim. Então comecei a perseguir a história.

CK - A irmã é negra?

PC - Sim, sim. Comecei a perseguir a história, e fui dar a mãe, que ainda tinha orgulho em dizer que durante toda vida só bebia vinho do porto do marido branco. Ai que realidade! Naquele dia fiquei muito chocada. E então tranquilamente eu ia visitando a velhota, levava aquela garrafa de vinho que ela gostava (risos), e ela ia me contando as histórias, incrível! A Zambézia tem muito disso.

CK - Quando a personagem fala: *Meu objetivo é branquear o negro da minha pele, em contrapartida nós temos o caso da neta, mulata, que não possui um “lugar”, porque para os negros ela é branca e para os brancos ela é negra. Qual é o espaço do mulato?*

PC - Esse é o outro lado. Para mim foi interessante descobrir a imagem do mestiço, porque eu sempre via, eles não nos ligam muito, pelo menos em Moçambique. O mulato não liga muito ao negro, tá quase sempre em grupos de mulatos. Mas eu nunca tinha percebido o que ia dentro da alma. Foi esse trabalho me fez ver o quão sofrendores são.

CK - Paulina, eu gostaria de perguntar sobre uma obra pouco referida até hoje, *O livro da paz da mulher angolana* (2008) que foi uma recolha feita por você e Dya Kassembe, com o subtítulo de “heroínas sem nome”. De lá pra cá, essas heroínas tem aparecido ou ainda continuam sem nome?

PC - É uma questão melindrosa. O livro é de Angola, eu não posso falar muito sobre a questão angolana, mas não é muito diferente da questão moçambicana. Uma das senhoras que eu entrevistei vendia amendoim na rua. Portanto, ela era uma vendedora ambulante de rua, que foi uma combatente da guerrilha pela independência. E, ela diz tranquilamente: “olha, o meu colega que

era o comandante responsável por aquele campo, ele que devia guarnecer o campo, segurança, etc. Quando havia ataques dos portugueses, ele fugia, porque ele tinha medo”. Mas essa mulher, que porque tinha lá os filhos dela e os filhos das outras mulheres, ela virava uma leoa. Então, todos os combates naquela região foram dirigidos por ela. E quando chegou a altura de patentear alguém, as patentes não foram para ela, porque ela era mulher, foram patentear o homem que sempre fugia. E na altura em que fizemos as entrevistas, ele já era um general muito rico, mas a mulher que dirigiu a guerra, estava vendendo na esquina. Então, foi uma coisa que me chocou. E voltei a Moçambique, comecei a conversar com outras mulheres, que são muitas que estiveram na luta armada. E a situação não é muito diferente, então são essas heroínas, no verdadeiro sentido que não tiveram nome porque são mulheres.

CK - Pelo visto até hoje são heroínas sem nome.

PC - Sem nome e vão morrer com a sua história. Pouco escolarizadas a maior parte delas e mesmo que tenham a possibilidade, ou a capacidade de escrever, não sei esses livros serão alguma vez publicados. Há um fenómeno, em Moçambique agora, que aqueles que fizeram a guerra contra os portugueses, agora estão a escrever as suas memórias, mas aquelas memórias para mim tem um sabor assim, de um fardamento. Todos escrevem coisas iguais e não há nada que se escreva diferente, porque senão o chefe não gosta, perdem os seus privilégios. Então é daquelas literaturas que... é interessante ler, mas não me dizem muito. Porque todos repetem a versão oficial da história, e a mulher por muito que escreva tem medo de dizer: “Olha quem dirigia os combates era eu, o comandante que era homem fugia porque tinha medo.” Então, talvez, daqui a algum tempo, depois dessas pessoas morrerem, porque esses generais ainda estão vivos, se elas começam a denunciar...

CK - A participação da mulher na guerra ainda é pouco abordada?

PC - Muito pouca, quer dizer, há uma abordagem oficial muito romântica do tipo: “a mulher participou na guerra”, “a mulher é uma heroína”, “porque nós temos que promover a mulher”. A mulher é uma heroína, mas quem é a heroína? Onde está o nome dela?

CK - E essas mulheres hoje, onde estão elas?

PC - Tá na cozinha, estão vendendo amendoim nas ruas, estão no campo, no trabalho tradicional das mulheres. Mas foram mulheres que fizeram a guerra.

CK - Como foi essa experiência de trabalhar em parceria e o que motivou você e Dya Kassembe a desenvolver esse projeto?

PC - Foi um trabalho encomendado, da Ajuda Popular da Noruega que trabalhava em Angola na desminagem. Então, havia uma parte social, que o chefe deles tinha que fazer recolher as histórias dessas pessoas que participaram dessa guerra, cuja a desminagem estava a ser feita por eles. Então, escolheram a mim e a Dya Kassembe, e fomos andando, fomos a trabalhar, foi muito bonito, mas o livro não teve muito impacto. Porque nós, nas nossas entrevistas, fomos impar-

ciais entrevistamos mulheres da UNITA, mulheres do MPLA e isso não foi muito bom. Porque ou tínhamos que escolher mulheres da UNITA, com todas as consequências, ou tínhamos que trabalhar só com mulheres do MPLA, nós fizemos um trabalho onde colocamos todas as mulheres e no fim produzimos o livro. Não teve muita aceitação. Sei que logo a seguir, uma outra equipe, do partido do poder, que partiu para o campo de urgência para entrevistar as “heroínas verdadeiras”, e publicou-se com muita pompa, um livro, não sei como se chamava, mas acho que era uma coisa como “As heroínas verdadeiras de Angola”, mas enfim, isso é uma outra história. Não sou angolana, eu.... (risos)

CK - Quanto tempo levaram essas entrevistas?

PC - Somando os dias todos, eu acho que as entrevistas levaram mais ou menos uns cinco meses e o processamento do texto, porque aquilo foi um trabalho mesmo coletivo, com as mulheres, eram grupos de mulheres angolanas. Então, o projeto durou um ano, então eu ia, vinha, ia, vinha. Conheci Angola quase de norte a sul nesse projeto, foi interessante, mas o livro não sei dele.

CK - Você afirmou em palestra conferida recentemente ter feito parte da FRELIMO e sobre seu papel dentro do partido. O que motivou uma moça tão jovem na época a participar de forma tão ativa desse movimento?

PC - Não sei, mas por outro lado, eu lia muito desde pequena, então tinha muitas referências na cabeça. E contrastava com muitas meninas num tempo que não tinham acesso a leitura, então eu conversava mais com rapazes do que com meninas, por conta do nível de estudos e intelectual que tinha. Então, de repente os rapazes fazem a oferta: que tal essa noite sairmos para fazer um determinado trabalho?

CK - E seu pai nunca te surpreendeu?

PC - Pegou uma vez, levei uma sova! (risos). Mas o trabalho estava feito. Então, foi assim, tranquilamente eu sempre tive amizades masculinas, desde pequena. Eu acho que o problema é exatamente esse, eu lia mais do que as outras mulheres, isso ainda acontece até hoje. E pronto. Fugia de casa, fugia pela janela.

CK - Naquela época como era a participação feminina na FRELIMO? Tinham muitas mulheres no movimento?

PC - Uma coisa foi a luta armada nas matas, outra coisa foram os grupos clandestinos urbanos. No grupo era assim, mais ou menos vinte no grupo e mulheres eram quatro, só. Sim, dezesseis, eram rapazes.

CK - A que você atribui isso Paulina?

PC - A época, estávamos em plena época colonial, a tradição e a própria estrutura colonial, porque a mulher na estrutura colonial o lugar é de subordinação. Então, a minha tradição também,

a região também, e eu era atrevida, chamavam-me “Maria-rapaz”, porque nunca me consideravam mulher.

CK - Você via esse apelido como um elogio ou não?

PC - Não. Não ligava. Eu desafiava, subia em árvores, fazia tudo o que as mulheres não faziam a essa altura.

CK - Paulina, o que você lia nessa época?

PC - “6 balas”. Espera, eram aquelas coisas de “6 balas”,... bang-bang.... depois apareceu o “Coe-lhinho pelado”, acho era brasileiro, não? “Fotonovelas” e os Disney que já são mais antigos. Mas também havia muito Jorge Amado, nós lemos Jorge Amado em livros de bolso, em livros maiores, em tamanho assim, tamanho a quatro, mas livro de bolso era muito, muito forte. Então tava acessível, não sei porque, mas o sistema colonial liberava o Jorge Amado, para nós, Vinicius de Moraes também, eram dois autores que circulavam, os outros só depois da independência.

CK - Em seus últimos três projetos: *Nas mãos de Deus* (2013), *Por quem tocam os tambores do além* (2013) e *Ngoma Yethu* (2015), você opta pela estrutura de co-autoria. O que te motivou a mudar sua estratégia de escrita? Isso repercutiu de que forma no mercado editorial? Fale-nos um pouco sobre esses projetos, ainda pouco conhecidos no Brasil, e como essas propostas surgiram.

PC - As editoras formais não aceitaram, os temas não iam muito com as suas políticas editoriais, então tive que procurar alternativas. Há uma editora que se criou só para publicar um livro e já morreu (risos). *Na mão de Deus*, criou-se uma editora só para publicar o livro, depois trabalhei com um outra, e depois vou trabalhar com uma outra, porque esses temas questionam muita coisa e com muita profundidade, então não queriam correr o risco. Agora, passado algum tempo, os livros viraram sucesso e algumas dessas editoras já estão interessadas em publicar, porque viram que afinal, esses assuntos são, como se diz, é produto para mercado, por exemplo, *Ngoma Yethu*, circula.... aí meu Deus! Circula!

CK - E o que te levou a escrever *Nas mãos de Deus* (2013) que foi o primeiro escrito a quatro mãos?

PC - São várias coisas. É muito interessante entrar na psiquiatria, foi uma grande escola de vida. Nós temos a ilusão de que somos humanos, ilusão daquelas coisas bonitas, românticas que nós temos. Quando se entra na psiquiatria que a gente entende a verdadeira essência do ser humano. É o filho que abandona a mãe, porque teve uma crise psicótica; é a mãe que espanca o próprio filho, porque o filho teve uma crise psicótica; é a família que se junta, que se separa, quer dizer, a doença mental é um dos maiores dramas. A medicina faz o melhor, mas há uma série de preconceitos a volta da pessoa que tem uma crise psicótica. Eu entrei em crise, mas depois a crise passou, levou muito mais tempo a recuperação. A recuperação da memória, a recuperação dos movimentos do corpo é que levou mais tempo, mas a crise em si durou pouco tempo. E vol-

tei a mim, e naqueles momentos que estava sentada, aproveitei a ocasião para conversar com muita gente, e tentar perceber o mundo que há por detrás de doença. São verdadeiros dramas. Lembro-me de uma moça que entrou, violada sexualmente, não se sabe por quem, e nas mãos ela tinha marcas de que tinha sido amarrada com arames, ferros, estava cheia de feridas e nas costas tinha levado chicote. Porque deu-lhe uma crise, ela cometeu qualquer coisa, mudança de comportamento, a pessoa não sabe o que faz. Então o pai amarrou, o irmão espancou e alguém sexualmente violou. Isso dentro da família! Então, quando aquela menina entra ela devia ter dezessete, dezesseis... dezessete anos, eu olhei para ela e deixei estar até ela ficar melhor. Eu tive alta, mas eu voltava para conversar com os amigos que eu tinha feito. Sentava perto dela, para ouvir a história dela, e depois vim a saber que ela estava grávida. Uma gravidez que ela não sabe de onde veio, se foi o irmão, se foi o pai, se foi um vizinho, se foi alguém que saltou a cerca, então são tantos os dramas, porque infelizmente temos uma tradição que diz que a doença mental, enfim, podem ser espíritos maus, maldições, espíritos, isso é o que a tradição diz. Depois aparecem as igrejas evangélicas: “É o diabo! É o diabo! Se apossou da pessoa!”, e depois temos a própria medicina. Bom, a pessoa chegou eles pegam dão o que tem a dar e depois a pesquisa do problema. Foi interessante porque no meu caso, eu saí sem diagnóstico, quando eu voltar ainda vou procurar um psiquiatra para saber o que era. Pronto, quando se chega é tal coisa é psicose, é crise psicótica, é tendência de esquizofrenia, é tendência de demência, vai se andando a procura. E então, é a religião, é a tradição, é a ciência tudo isso cria um conflito a volta do mesmo indivíduo. Essa menina foi espancada porque era preciso mandar embora o diabo, o irmão espancou selvaticamente, agora aquele que a violou não sei bem o que queria tirar. E quem a amarrou também acreditou que tinha um espírito maligno nela, enfim, a menina simplesmente teve um transtorno. Ela ficou bem, ficou grávida, depois da doença teve que suportar a gravidez anônima e ficou com marcas muito feias nos braços, teve que fazer fisioterapia. Isso é um exemplo dos milhares que existem. Então, eu comecei a perguntar: o que é uma mãe? o que é um pai? o que são relações familiares? É um livro muito deprimente exatamente por causa disso, este vai e vem, e a pessoa no lugar de melhorar até piora.

CK - Nesse contexto as mulheres são sempre culpabilizadas.

PC - Eu acho estranho. Para mim, isso é um colapso do pensamento ocidental, do pensamento judaico cristão, porque para o europeu a mulher é a face da eva, ela que é culpada, no nosso caso, em Moçambique, mesmo com as tradições do Moçambique mais interior, mais profundo, que é patriarcal é semelhante aos ritos judaico cristãos onde a mulher tem que ser culpabilizada. E eu conheço casos em que a mulher era espancada, simplesmente espancada. Pergunta-se ao marido: porque espancou a mulher? E ele diz: olha, não fiz nada, mas eu estou a espancá-la para ela saber o que pode lhe acontecer se fizer alguma coisa. Então eu acho que a Europa, as religiões que se chamam de universais é que trouxeram este modelo que colapsou. Mas continua a persistir.

CK - E até que ponto isso também não é reflexo dessa história da colonização.

PC - Olha, o que eu posso dizer é que as lutas de libertação africanas, dos países de língua portuguesa, trouxeram consigo o feminismo marxista que libertou as mulheres portuguesas. Então

o movimento das mulheres em Angola, em Moçambique, etc., trouxe algo que despertou a consciência da própria mulher portuguesa que era tão reprimida como nós.

CK - Na cena brasileira, a escritora Carolina de Jesus, tem sido alvo de muitas críticas, no sentido de que sua obra “não deve ser considerada literatura”. Sua obra *O quarto de despejo* (1960) fora traduzido para mais de 13 línguas e estudado no mundo inteiro, abordando a temática dos que vivem “a margem”. Em suas obras, suas personagens também são fruto dessa margem onde buscam resistir e sobreviver. Você se identifica com essa escritora?

PC - Eu não sei se tenho esse direito de me identificar com outras pessoas, porque eu acredito que cada pessoa é singular. Eu li *O quarto de despejo*, da Carolina, e há um texto dela que me comove muito, quando ela deseja feliz aniversário a velha Alice? Olha, não consegui ler mais para além desse texto, porque quando cheguei ali parei, porque minha dor foi muito forte, e tenho um grande respeito por essa mulher pelas suas origens e pela luta que ela travou para sobreviver e o registro que ela fez. E eu faço esse questionamento: O que é literatura? Quem criou? Quem inventou? Para que serve? Então, a Carolina Maria de Jesus construiu um espaço e produziu um movimento que vinha da sua própria alma, um movimento de muito valor. Agora, quem são os outros para questionar? E colocar etiquetas sobre o sentimento humano, é por isso que de vez em quando eu me zango com as academias, porque preocupados em colocar etiquetas e nomes, e arrumar em gavetas, às vezes perde-se o melhor a vida tem. Eu não estou a imaginar o que tenha sido a vida dura daquela mulher, e aqueles que sabem o que é literatura e que sabem escreverem todos os meios, não sei se teriam capacidade de interpretar a vida com a real dimensão da Carolina Maria de Jesus. Então de vez em quando eu digo: acadêmicos, vão a fava! Para mim, Carolina Maria de Jesus escreveu e quem escreve chama-se escritor, o resto é história. Agora, eu colocar-me no lugar dela, não sei, não seria capaz, eu acho a Carolina uma mulher suprema. O mundo que ela viveu, os preconceitos que ela rompeu, a guerra que ela travou eu não me sinto com estrutura, nem capacidade de chegar aos pés dela. Sempre tive casa, sempre tive pão e sempre tive amparo. E o pouco que eu faço, eu faço até muito pouco, deveria fazer mais, porque tive condições para existir. A Carolina estava só. E eu respeito essa força interior que ela tinha, educou-se a si mesma e tornou-se o que ela é.... Jesus! Os acadêmicos, por favor, que parem de incomodar.

CK - Em sua última obra *Ngoma Yethu* (2015), em co-autoria com a curandeira Mariana Martins, vocês elencam questões como: colonialismo, curandeirismo e cristianismo. Fale-nos um pouco mais sobre essa obra e como Mariana Martins entrou em sua vida.

PC - Os acasos (risos) os acasos determinam às vezes as nossas reações. Tive uma crise psicótica, fiz um tratamento médico, mas havia outra medicina alternativa, que ela domina que são as plantas que prepara. E pronto, depois do tratamento médico, que eu cumpri, comecei a fazer um tratamento com as ervas, e para mim foi mais saudável porque não me dava cabo do corpo. E surpreendeu-me o fato de que cada vez que vai colher a planta, não, que colhe a planta, não; cada vez que prepara, eu não sei que planta é, não mostrou-me, cada vez que prepara: reza. Chama Deus, chama Jesus, chama antepassados. Então eu dizia: olha, que eu saiba todo mundo diz que vocês são o diabo. Então, começou a desenrolar muita conversa. Por fim, quando eu já estava

melhor, quando estava bem, eu disse: olha é preciso fazer justiça, porque são muito poucas as pessoas que compreendem o vosso trabalho. Vocês têm coisas más, isso é um problema vosso, mas o que eu percebi é que vosso trabalho é baseado na prece, sempre rezando. E aprendi coisas muito interessantes com ela. Porque ela diz: olha, tu é quem tem que dizer se o que te faço é diabólico ou não. O efeito que tu sentes é bom? Eu digo: olha é uma maravilha essa planta! E ela me pergunta: Curar-te é um trabalho do diabo ou não? E então, a nossa conversa começa assim. E ela diz: olha, chamam-me diabólica, os evangélicos, eu fui buscar a planta, quem criou essa planta, foi Deus ou foi o diabo? Foi Deus, então tu escolhes, faças juízo do que tu quiseres, mas se tu ficasse bem com uma planta, foi quando eu pedi: por favor, mostra-me a planta! Ela me disse: Jamais te darei! Eu protejo essa planta que vem sendo protegida desde os tempos mais antigos, porque a imposição colonial, portanto chamam-nos diabos, mas vem sempre a correr para vir buscar aqui o que é nosso conhecimento. Não dou! Já fiz isso, mostrei uma planta a alguém, que foi logo a correr aos brancos que levaram, processaram, patentearam. Tiraram de nós o conhecimento, que para além de nos humilhar, excluir, ganham dinheiro com o saber dos nossos antepassados. Não te dou a planta! E eu entendi.

CK - Em entrevista publicada em 11/7/16 no site “Geledés”, há uma fala sua afirmando que você está a “se despedir de seus leitores”. Com essa afirmação você se refere a projetos a “duas mãos”? Você pretende continuar engajada em projetos de co-autoria? Ou pretende parar de escrever?

PC - Eu não sei exatamente (risos) o que vai acontecer, mas a atividade de escrita tem as suas, como se diz, suas questões de saúde. Eu já não posso mais ficar tanto tempo no computador, eu trabalho trinta minutos, depois tenho que fazer um intervalo de dez minutos. Então, vou fazendo uma literatura aos bocadinhos, já não é com aquela dinâmica antiga. Mas isso não me impede de publicar trabalho, mas é uma outra questão também. De vez em quando é importante a gente dar um basta as pessoas que incomodam, porque assim de repente a sociedade moçambicana, não, uma boa parte dos moçambicanos achavam que eu era propriedade pública que podiam fazer e desfazer. Quem quer escrever, escreve; quem quer dizer, quem não quer não diz. Eu vivi em situações muito incomodadas, assim, do tipo: a Paulina está sempre a viajar, ela está a tirar o lugar a nova geração. Eu disse: a, é? Só isso? Tchau! Vai tu escrever! A porque o trabalho dela, não é, o gosto de muita gente era dizer: a Paulina julga-se escritora, mas ela não escreve nada, o trabalho dela não tem qualidade. A é? Vai tu, escreve! A mais vai dar confusão, não, esse tipo de pronunciamentos cria um tipo de opinião pública muito incômoda. Eu vivi muito tempo incomodada com isso, chegou um dia que eu disse: meu amigo, tchau! Vou embora! A mas... Chega de guerras! Querem me dar, aqui papel caneta, comprem, façam, produzam, e então mandei assim, as favas! Mas foi interessante que a partir dali as pessoas murmuram, conversam, dizem o que lhes vai na alma, mas depois recuam, refletem sobre o que se passa. Chega de abusos. O trabalho é meu, o tempo é meu, o que vocês têm que saber da minha vida, então quem quiser que se ir ao facebook, encontraram um erro gráfico, um erro ortográfico no trabalho dela, assim as coisas mais incríveis. Eu disse não, boba de festa eu não fui, o que eu fiz foi por amor, chega! Vá vocês! Então vem esta agressão pública, mas eu acho que foi muito bom e eu acho que outros escritores vão se beneficiar disso. Eu até disse: olha, eu não disse que era escritora, eu nunca

disse, eu disse que contava histórias e contei e encantei, por isso a guerra que vocês fazem não tem alma, o que vocês querem aqui? Saiam de mim e pronto. Então foi mais ou menos assim a sequência desse mal-estar, mas sem dúvidas que eu já não vou fazer a corrida da grande publicação, vou trabalhando devagar (risos).

CK - E como tu falaste: Fazer aquilo que gosto, no tempo que posso.

PC - Sim, eles têm que respeitar o trabalho das pessoas, pelo menos em Moçambique. Eu venho de uma época em que a escrita era um lugar dos homens. É verdade que houveram mulheres que escreveram antes de mim a Glória de Sant'anna que era portuguesa, fez contos, a Lília Momplé, fez contos, a Noémia de Sousa, fez poesia... disso nunca mudou. Existem muitas pessoas que começaram a perseguir a minha carreira só para destruir, chegou o um ponto de dizer chega não quero guerra com ninguém, vou escrever aquilo que me der na cabeça, como sempre.

CK - E por favor continue “incomodando” e inspirando outras escritoras.

PC - Mas a sociedade moçambicana precisa parar e respeitar. O que aconteceu foi, bateram numa conversa do Whatsapp: quem vai ser o próximo prêmio Camões? Então uns diziam: a Paulina vai ser. Porque não sei o quê, não sei o quê. Outros diziam: não pode ser, porque não sei o quê, não sei o quê. Uma coisa muito suja, chega a ofender assim essa mulher passa a vida a circular pelo mundo o que é que ela vai mostrar? Eu olhei para aquilo assim, epa, isso é uma zona quente, é preciso cortar isso com um machado. Fiz a minha declaração e toda essa onda de Whatsapp, Facebook, não sei o quê, caiu. Então, todos me procuram: Paulina, e agora, e agora? Porque até jornais já estavam nisso, não, preferi cortar, e assim se seu publicar... É engraçado que nenhum jornalista voltou para me perguntar mais nada, porque eles sabem o que estavam a tramar, eles querem vender o jornal, vez em quando inventam um escândalo, então percebi logo e preferi cortar.